



## ***Análise das consequências a longo prazo da violência infantil: uma revisão da literatura***

Luís Felipe da Silva Medeiros Melo<sup>1</sup>, Bruna Castelo Branco Silva<sup>1</sup>, Henry Jonathas Messias Santos De Santana<sup>1</sup>, Aralinda Nogueira Pinto de Sá<sup>1</sup>, Layza de Souza Chaves Deininger<sup>1</sup>



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p4306-4325>

Artigo recebido em 4 de Agosto e publicado em 4 de Outubro de 2025

### **ARTIGO DE REVISÃO**

#### **RESUMO**

**Introdução:** A violência infantil é um grave problema de saúde pública mundial, com impactos duradouros na saúde física, mental, social e acadêmica. Evidências mostram que experiências adversas precoces aumentam o risco de transtornos mentais, doenças crônicas e prejuízos no desenvolvimento, reforçando a necessidade de políticas de proteção e intervenção efetivas. **Objetivo:** Analisar as consequências a longo prazo da violência infantil, identificando seus impactos psicológicos, biológicos e sociais com base em evidências científicas recentes. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada em agosto de 2025, por meio de busca nas bases PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados os descritores child abuse AND long term effects e maus-tratos infantis AND efeitos a longo prazo, de acordo com DeCS e MeSH. Inicialmente foram identificados 49.488 artigos; após critérios de inclusão e exclusão, 14 estudos compuseram a amostra final. **Resultados:** Evidenciou-se que a violência infantil está associada a consequências duradouras em múltiplos domínios. Entre as repercussões psicológicas e psiquiátricas destacaram-se depressão, ansiedade, ideação suicida e abuso de substâncias. No campo biológico, foram observadas alterações neurobiológicas, inflamação crônica, envelhecimento precoce e doenças crônicas. No âmbito social e ocupacional, verificaram-se dificuldades relacionais, acadêmicas e profissionais, que comprometem a qualidade de vida ao longo da vida adulta. **Conclusão:** Conclui-se que a violência infantil gera impactos multifatoriais de longa duração, reforçando a necessidade de estratégias preventivas, políticas públicas eficazes e abordagens multidisciplinares para reduzir tais consequências.

**Palavras-chave:** Violência Infantil; Efeitos Adversos de Longa Duração; Saúde pública; Políticas públicas.



## **Analysis of the long-term consequences of child abuse: a literature review**

### **ABSTRACT**

**Introduction:** Child violence is a serious global public health problem, with lasting impacts on physical, mental, social, and academic health. Evidence shows that early adverse experiences increase the risk of mental disorders, chronic diseases, and developmental impairments, reinforcing the need for effective protection and intervention policies. **Objective:** To analyze the long-term consequences of child violence, identifying its psychological, biological, and social impacts based on recent scientific evidence. **Methods:** This is an integrative literature review conducted in August 2025 through searches in PubMed and the Virtual Health Library (BVS). The descriptors “child abuse” AND “long term effects” and “maus-tratos infantis” AND “efeitos a longo prazo” were used, according to DeCS and MeSH. Initially, 49,488 studies were identified; after applying inclusion and exclusion criteria, 14 studies were selected for the final sample. **Results:** Became evident that child violence is associated with long-lasting consequences across multiple domains. Psychological and psychiatric repercussions included depression, anxiety, suicidal ideation, and substance abuse. Biological effects involved neurobiological alterations, chronic inflammation, premature aging, and chronic diseases. Social and occupational impacts were also identified, such as relational, academic, and professional difficulties that compromise quality of life throughout adulthood. **Conclusion:** It is concluded that child violence produces multifactorial and long-term consequences, highlighting the need for preventive strategies, effective public policies, and multidisciplinary approaches to mitigate its effects.

**Keywords:** Child Abuse; Long-term Adverse Effects; Public Health; Public Policies.

**Instituição afiliada** – Afya Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba

**Autor correspondente:** Luís Felipe da Silva Medeiros Melo [lfdsmm9@gmail.com](mailto:lfdsmm9@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

A violência é um dos problemas mais desafiadores da saúde mundial. Existem evidências que comprovam que desde os tempos antigos esta prática era uma realidade comum e legitimada por convenções sociais (Silva, 2024). Nessa seara, grupos minoritários estão mais suscetíveis a serem vitimizados por esse problema, dentre esses coletivos, as crianças e os adolescentes são os mais vulneráveis (Magalhães et al., 2023), que podem ser expostas a violência física, sexual, emocional e negligência (Fernandes et al., 2025; Theodoro, 2025). Na tentativa de erradicar esse problema, a Organização das Nações Unidas (ONU), em 1989, promoveu a Convenção sobre os Direitos da Criança, que tinha como prerrogativa garantir a proteção integral da infância. Apesar disto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou em 2024 dados que revelam que cerca de 1 bilhão de infantes sofrem violência no mundo e, ainda, que menos da metade conta para alguém e que menos de 10% recebem ajuda (ONU, 2024).

Sendo a infância uma fase crítica da vida humana, período temporário marcado pelo desenvolvimento de habilidades físicas, sociais, emocionais e fisiológicas, a exposição a eventos adversos durante este período pode trazer impactos devastadores nos mais diversos aspectos que compõem o ser, os quais explicitam-se, muitas vezes, muito precocemente, entretanto, ultrapassam o sofrimento imediato e atingem múltiplos domínios do funcionamento humano, perdurando por toda a vida (Cai et al., 2023; Carvalho et al., 2023).

No âmbito da saúde mental, existem numerosos estudos que demonstram a associação da violência infantil com o desenvolvimento de distúrbios da saúde mental a longo prazo, como evidenciado por Telfar et al. (2023), que, em sua pesquisa, refere que as vítimas de violência infantil são mais propensas a depressão, ideação suicida, abuso de substâncias psicoativas e ansiedade. Para além disso, Oeri e Roberts (2022) referem que experiências adversas precoces podem comprometer o desempenho escolar e o desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais já nos primeiros anos de vida, dificultando a progressão acadêmica e limitando oportunidades futuras. Muitas



dessas condições coexistem, gerando quadros clínicos complexos e resistentes ao tratamento, com impacto negativo sobre a qualidade de vida, as relações interpessoais e o desempenho acadêmico e profissional.

No contexto da saúde física, diversas doenças também são implicadas como consequência da exposição precoce à violência, como artrite, doenças cardiovasculares, hipertensão arterial, bronquite crônica, dores lombares, enxaquecas, doenças intestinais, acidente vascular cerebral, câncer e inflamações persistentes. Esses achados apoiam o modelo Biological Embedding of Childhood Adversity Model (BECAM), segundo o qual experiências adversas na infância podem desencadear processos biológicos de inflamação crônica e disfunção fisiológica, independentemente de outros fatores de risco conhecidos (Fitzgerald e Notice, 2022).

Os mecanismos que explicam a relação entre violência infantil e desfechos negativos na vida adulta são complexos e multidimensionais. Diante desse contexto, este artigo busca analisar as consequências a longo prazo da violência infantil, integrando as evidências de diversos estudos para oferecer uma visão abrangente sobre o tema e suas implicações para a saúde pública e a política social.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo revisão da literatura, o qual foi elaborado a partir da seguinte pergunta norteadora: “Quais são as consequências a longo prazo da violência infantil?”. Além disso, tem por objetivo analisar e documentar as consequências a longo prazo da violência infantil mediante pesquisa literária nas bases de dados.

Para isso, foram utilizadas as bases de dados PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no período de agosto de 2025. A combinação de descritores utilizados para o PubMed foram: “child abuse” AND “long term effects”, enquanto para a BVS foram: “maus-tratos infantis” AND “efeitos a longo prazo”, tais termos foram selecionados após

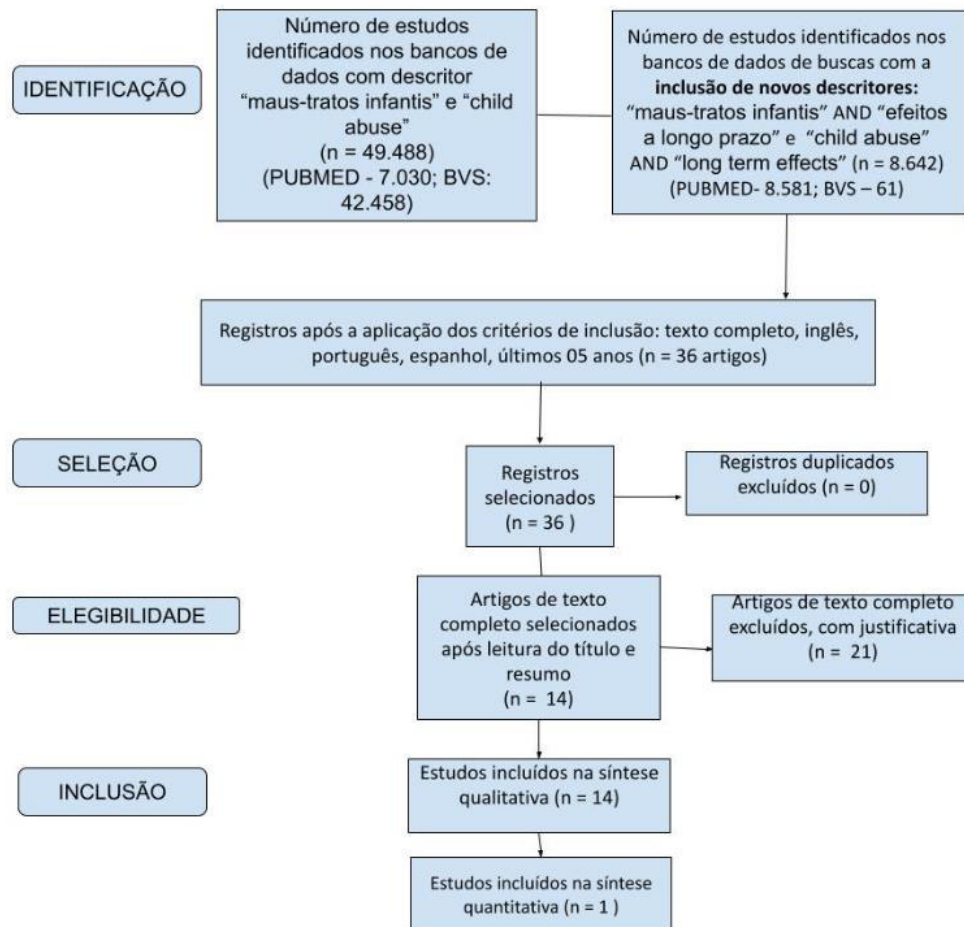


busca no DeCS e no MeSH.

Os critérios de inclusão foram: adequação à questão norteadora do trabalho, trabalhos publicados nos últimos 5 anos (período de 2020 a 2024), disponibilidade do texto completo gratuitamente e estudos nos idiomas português, inglês e espanhol. Como critérios de exclusão consistiram: fuga do tema, estudos duplicados, trabalhos em idiomas diferentes do inglês, português ou espanhol e trabalhos que fossem revisões narrativas, monografias e teses.

Após a busca nas bases de dados, foram inicialmente identificados 49.488 artigos. Com a aplicação dos descritores e operadores booleanos, esse número foi reduzido para 8.642. Em seguida, a aplicação dos critérios de inclusão resultou na exclusão de 8.606 estudos. Os 36 artigos restantes foram selecionados para leitura completa, dos quais 14 compuseram a amostra final, não havendo exclusões por duplicidade.

Figura 1 - Fluxograma de seleção de estudos para revisão integrativa.



Fonte: Elaboração própria (2025).

## RESULTADOS

O Quadro 01 sintetiza os artigos incluídos na amostra final, apresentando as seguintes características: seus títulos, os respectivos autores, ano de publicação e principais resultados.

Quadro 1- Síntese dos principais achados sobre as consequências a longo prazo da violência infantil.

Autores e ano	Tipo De Estudo	Objetivo	Principais resultados encontrados
Abu-Raya e Gewirtz-	Revisão	Investigar a conexão entre	Conclui-se que o abuso sexual na infância tem um impacto



Meydan (2023)	sistemática	abuso sexual na infância (ASI) e a satisfação em relacionamentos românticos adultos, com foco no papel de dois fatores: Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e estresse pós-traumático relacionados a sexo (SEPTS-relacionado a sexo).	duradouro na satisfação com relacionamentos românticos na vida adulta. Este efeito não é mediado principalmente pelo TEPT genérico, mas sim por sintomas específicos de estresse pós-traumático relacionados à sexualidade. O estudo destaca a importância de focar em sintomas sexuais pós-traumáticos ao tratar os sintomas de sobreviventes de ASI, pois isso pode ser a chave para ajudá-los a ter relacionamentos românticos mais satisfatórios.
Bussone et al. (2023)	Estudo piloto observacional	Analisar o impacto a longo prazo da exposição a eventos adversos na infância nos âmbitos comportamental, mental e na saúde cardíaca.	O estudo mostrou que os que sofreram violência infantil tiveram índices maiores de dificuldades emocionais e cognitivas e menor redução da variabilidade da frequência cardíaca, indicando menor flexibilidade autonômica e emocional. Portanto, segundo os autores, a exposição a eventos adversos na infância está positivamente associada a impactos no funcionamento adaptativo na vida adulta.
Cai et al. (2023)	Estudo observacional	Identificar como os diferentes tipos de violência impactam na função cerebral a longo prazo	Os resultados do estudo mostraram que diversas áreas do córtex são afetadas pela exposição à violência durante a infância, as quais estão associadas a funções como: cognição, função executiva, processamento de informações, percepção auditiva e visual, compreensão da linguagem e movimentação e que o tipo de violência leva a modificações em áreas específicas do telencéfalo, mas que também há sobreposição de áreas afetadas em tipos de violência diferentes.



			Além disso, casos de violência severa estão positivamente associados com a desconexão entre áreas do córtex. Uma limitação do estudo é que a amostra era composta apenas por chineses da etnia Han.
Fitzgerald e Notice (2022)	Estudo quantitativo	Analisar a associação entre violência infantil e o desenvolvimento de doenças crônicas de saúde física ao longo de 10 anos	Construído a partir de respostas de questionário colhido no estudo longitudinal MIDUS. É importante salientar que as vítimas de negligência e de abuso sexual não foram incluídas neste estudo.  Foi encontrada uma associação estatisticamente fraca entre as duas variáveis, mas denota que a exposição à violência durante a infância é um possível fator de risco independente para o desenvolvimento de doenças crônicas e que esse efeito não varia conforme gênero e idade.
Kleih et al. (2022)	Estudo longitudinal	Identificar relação entre inflamação sistêmica no período gestacional e a ocorrência de maus-tratos na infância	Os resultados demonstram um entendimento acerca de como o período pré-natal pode ter impacto no abuso infantil de modo que quanto maior o processo inflamatório, maior o histórico de maus-tratos. Além disso, há uma intensificação dessa problemática diante da presença de sintomas depressivos.
McNamara et al. (2024)	Estudo observacional	Comparar a frequência da Síndrome de Disfunção Multiorgânica (MODS) entre ferimentos cerebrais traumáticos pediátricos de origem abusiva (AHT) e os de origem	Realizado com infantes vítimas de traumatismo craniano, seja por acidente, seja por abuso infantil, que avalia a ocorrência de síndrome de disfunção orgânica múltipla (SDOM). Os resultados indicam que as lesões ocasionadas por abuso têm maior probabilidade de evoluir para SDOM, além de terem maior associação com piores



		acidental (aTBI), e avaliar a associação dessa condição com o desfecho funcional adverso nos diferentes momentos analisados.	prognósticos em relação aos casos que ocorreram por acidentes, especialmente em falências cardiovasculares, neurológicas e respiratórias.
Meinck, et al. (2023)	Revisão sistemática.	Identificar os instrumentos de autorrelato usados para medir a violência contra crianças (VAC) mais confiáveis e válidas para uso em pesquisas.	Foram avaliados 39 instrumentos sendo apenas seis — ACE, CTQ, CTS-PC, CECA, ICAST e JVQ — identificados como os que possuem as melhores propriedades psicométricas e, portanto, são os mais recomendados para uso em pesquisas. A revisão destaca a necessidade de os pesquisadores serem criteriosos na escolha de suas ferramentas, optando por aquelas com evidências sólidas de validade e confiabilidade.
Michałowska et al. (2025)	Estudo de caso-controle.	Investigar o papel do perfeccionismo na relação entre o trauma na infância e o desenvolvimento de depressão na vida adulta.	O estudo concluiu que o perfeccionismo desadaptativo desempenha um papel significativo no desenvolvimento da depressão em indivíduos que sofreram traumas na infância, sugerindo que o tratamento da depressão pode se beneficiar de intervenções focadas em reduzir esse tipo de perfeccionismo.
Murphy et al. (2024)	Estudo observacional.	Investigar o impacto que experiências adversas na infância podem causar na saúde mental já na vida adulta.	Dessa forma, entende-se que quanto maior a exposição a eventos adversos, maior a probabilidade de desenvolvimento de problemas na saúde mental do indivíduo, justificando a maior necessidade de identificação e intervenção o quanto antes.
Nibuya et al. (2022)	Estudo transversal.	Investigar as relações entre abuso na infância, status social	O abuso na infância tem um impacto duradouro na vida profissional de adultos, manifestando-se como



		subjetivo, ansiedade-traço e presenteísmo em trabalhadores adultos.	presenteísmo. Essa conexão ocorre principalmente porque o trauma na infância contribui para uma baixa percepção de status social e para o aumento da ansiedade-traço. Portanto, para entender e combater o presenteísmo no ambiente de trabalho, é fundamental considerar e avaliar esses fatores, incluindo o histórico de abuso na infância e os níveis de ansiedade e autoavaliação social dos trabalhadores.
Ochiaia et al. (2025)	Estudo de caso-controlado.	Investigar como os maus-tratos na infância afetam o envelhecimento biológico e o desenvolvimento social e emocional de crianças pequenas.	Crianças pequenas quando sofrem maus-tratos apresentaram uma aceleração significativamente maior na idade por metilação do DNA, indicando um envelhecimento biológico mais rápido. Gastaram menos tempo observando a região dos olhos de outras pessoas, o que é crucial para interações sociais. Tanto a aceleração da idade biológica quanto a atenção reduzida aos olhos foram associadas a maiores dificuldades comportamentais e emocionais (medidas pelo SDQ). Maus-tratos na infância levam a dificuldades comportamentais e emocionais através de dois caminhos independentes: aceleração do envelhecimento e diminuição do contato visual.
Oeri e Roberts (2022)	Estudo de coorte.	Entender se situações adversas na infância estão implicadas no desenvolvimento de habilidades pré-acadêmicas.	As autoras encontraram que privação e ameaça às crianças relacionam-se com o desenvolvimento de problemas comportamentais e de regulação emocional e que o tempo impacta diretamente nesses imbróglis, visto que exposições crônicas associam-se a piores resultados que exposições agudas.



Telfar et al. (2023)	Estudo de coorte.	Identificar os impactos na saúde mental de adultos que sofreram violência quando crianças.	O principal achado foi que os adultos que sofreram algum tipo de violência apresentaram razão de chance de 1,8 a 2,6 vezes maior de desenvolver depressão maior, abuso de álcool ou <i>cannabis</i> , transtorno de ansiedade e ideação suicida em comparação a adultos que não foram expostos a violência. Comprovando, portanto, que a exposição a violência infantil está positivamente associada a desfechos negativos a longo prazo no âmbito da saúde mental.
Yoon et al. (2021)	Estudo longitudinal.	Investigar a relação entre maus-tratos infantis, presença da figura paterna na criação e uso de substâncias.	Diante disso, há indícios de que os maus-tratos aumentam a probabilidade de uso de drogas, em contrapartida a presença paterna saudável na criação do indivíduo atua como fator protetor ao uso ao ter menor envolvimento com uso de drogas.

Fonte: Elaboração própria (2025).

## DISCUSSÃO

Dos 14 artigos selecionados para o estudo, 35,7% abordaram as repercussões psicológicas e psiquiátricas da violência infantil, relacionando-a ao desenvolvimento de transtornos, como depressão e ansiedade, além de motivar pensamentos de ideação suicida, perfeccionismo desadaptativo e dificuldades emocionais. Outros 5 estudos (35,7%) evidenciaram as alterações no envelhecimento celular, na conectividade cortical, no sistema cardiovascular, na gestação e no risco aumentado de doenças crônicas e disfunções orgânicas e, portanto, elucidaram as principais relações que a violência pode ter nos efeitos biológicos e neurofisiológicos.

Já as repercussões sociais e ocupacionais foram abordadas em 3 artigos (21,4%), que relacionaram o abuso infantil a problemáticas, a exemplo disso: uso de substâncias,



dificuldades em relacionamentos românticos e desempenho profissional na vida adulta. Por fim, apenas 1 estudo (7,1%) destacou aspectos metodológicos, enfatizando a relevância da medição adequada com o uso de ferramentas de pesquisa apropriadas para medir a violência infantil. Assim, esses achados reforçam o objetivo da revisão, a qual buscou integrar evidências de diferentes áreas, tanto para oferecer uma visão acerca das consequências a longo prazo da violência infantil de forma abrangente, quanto para compreender suas implicações para a saúde pública e para a formulação de políticas sociais eficazes.

A violência infantil consiste em um fenômeno de etiologia multifatorial com alta complexidade de forma que suas repercussões vão além do período da infância, podendo atingir dimensões na vida adulta com efeitos persistentes e multifacetados, interferindo em processos biológicos e até nos funcionamentos psicológico, social e ocupacional do paciente. De acordo com Kleih *et al.* (2022), isso pode ter seu início levando em conta fatores de ordens biológica e psicossocial presentes ainda no período gestacional, visto que a inflamação sistêmica no organismo da gestante aliada à presença de sintomas depressivos apresentam relação com a ocorrência de maus-tratos na infância. Assim, o abuso infantil pode ter seu início já definido diante de vulnerabilidades que a figura materna pode enfrentar antes mesmo do parto.

Na perspectiva das repercussões biológicas, Ochiaia *et al.* (2025) demonstra que os efeitos dos maus-tratos infantis não se restringem ao campo psicológico subjetivo: há impactos mensuráveis no envelhecimento biológico (aceleração da idade por metilação do DNA) e no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, especialmente no contato visual, algo imprescindível para construção de interações sociais. Neste mesmo contexto, Fitzgerald e Notice (2022) mostraram em seu estudo que a exposição a violência infantil está diretamente relacionada com o desenvolvimento de doenças físicas de curso crônico no período de 10 anos. Sobre este estudo, é importante ressaltar que as respostas foram ajustadas para as variáveis de controle: número de condições prévias, IMC, idade, gênero, renda, nível educacional, apoio familiar, estresse conjugal, comportamentos de saúde e sintomas de



ansiedade/depressão e mesmo após ajustado, a violência infantil manteve-se associada ao desfecho. Ainda, Bussone et al. (2023) encontraram que as vítimas de violência possuem uma menor redução da variabilidade da frequência cardíaca. Isto posto, é reforçada a ideia de que o trauma precoce atua de forma multidimensional, exigindo abordagens de intervenção que integrem aspectos biológicos e comportamentais.

Ainda no contexto de mudanças físicas, modificações na integração dos circuitos neurais entre áreas diferentes do telencéfalo também podem acontecer, visto que Cai et al. (2023) referiram que a exposição à violência durante a infância interfere na comunicação de variadas partes do córtex, ainda, percebeu-se que diferentes tipos de violência interferem em partes distintas do córtex: abuso sexual correlacionou-se com aumento da eficiência de transmissão em córtices visual, auditivo, linguístico e motor; já a negligência infantil foi associada à eficiência de transmissão em regiões como o lobo temporal, córtex insular e giro parahipocampal, áreas essas, que são responsáveis pela cognição, controle executivo, memória e atenção. Oeri e Roberts (2022) também evidenciaram o impacto desses eventos adversos na cognição e nas habilidades acadêmicas iniciais. Desse modo, elucida-se que os efeitos da violência infantil transpassam a barreira dos impactos psicológicos e podem causar impactos duradouros também no aspecto da saúde física das vítimas.

Já as repercussões sociais dessa violência podem se manifestar de diversas formas ao longo da vida do paciente, uma vez que Yoon et al. (2021) destaca que os maus-tratos na infância aumentam a probabilidade do uso de substâncias na juventude. Em contrapartida, como também foi discutido nesse estudo, uma figura paterna saudável na vida do infante pode atuar como um fator protetor, isto é, diminuindo a probabilidade de envolvimento com drogas. Endossando o que referem Yoon et al. (2020), Telfar et al. (2023) também encontraram que as crianças que sofreram violência apresentavam estatísticas de abuso de álcool e cannabis maiores que as que não sofreram. Dessa forma, compreende-se que a construção de uma rede de apoio positiva aliada a relações familiares saudáveis desestimula esse comportamento nocivo, enquanto relações disfuncionais o incentivam, para além disso, clarifica-se que a



abordagem às vítimas de violência infantil deve também levar em conta o risco de desenvolvimento de adição a drogas lícitas e ilícitas e incluir ações que tenham por objetivo evitar essa situação.

Além do uso de substâncias, Murphy *et al.* (2024) confirma que diante da constante exposição a eventos adversos na infância, paulatinamente, o paciente tende a desenvolver problemas na ordem saúde mental na vida adulta. Desse modo, quanto maior o número de exposições e maior a intensidade dessas adversidades, maiores as chances de desenvolvimento de transtornos psiquiátricos ao longo da vida do paciente em um padrão de associação dose-resposta. O trabalho de Michałowska *et al.* (2025) traz uma contribuição importante ao destacar o “perfeccionismo desadaptativo” como um mediador entre trauma infantil e depressão na vida adulta. Essa descoberta ampliou a compreensão dos mecanismos psicológicos que ligam eventos traumáticos precoces a desfechos psiquiátricos, sugerindo que o tratamento da depressão em sobreviventes de trauma infantil pode se beneficiar de intervenções direcionadas à flexibilização de padrões de autoexigência rígida.

Outrossim, Telfar *et al.* (2023) e Bussone *et al.*(2023) convergem em relação aos impactos mentais da violência infantil. Destacam os estudos que, em comparação aos que não foram expostos a eventos adversos, as vítimas de violência apresentam mais variações comportamentais, emocionais e patologias de saúde mental -a saber, depressão, transtorno de ansiedade e ideação suicida. Em síntese, os estudos mostram que a violência na infância não machuca apenas no momento em que acontece — ela deixa marcas profundas que podem acompanhar a criança por toda a vida. Esses impactos vão muito além da dor imediata, interferindo na forma como ela lida com o estresse, aprende e se relaciona com os outros. Com o tempo, essas dificuldades acumuladas podem abrir caminho para problemas de saúde mental que persistem na adolescência e na vida adulta.

Levando em consideração o âmbito clínico, McNamara *et al.* (2024) evidencia, especialmente nos traumatismos cranianos, o grave risco que a violência física infantil



quando extrema pode causar imediatamente na criança. Esses casos de trauma possuem um risco de evolução para a síndrome de disfunção orgânica múltipla (SDOM) – a qual consiste, de acordo com Asim et al. (2020), em uma doença caracterizada por anormalidades fisiológicas reversíveis com disfunção de dois ou mais órgãos que ocorre simultaneamente, podendo levar a um maior tempo de hospitalização e até mesmo a uma maior mortalidade – e piores prognósticos, especialmente no comprometimento cardiovascular, neurológico e respiratório, quando comparados a traumas de origem acidental.

No campo metodológico, Meinck et al. (2023) aponta para uma questão crucial: a escolha de instrumentos de avaliação confiáveis para mensurar violência contra crianças ao identificar apenas seis ferramentas com evidências psicométricas robustas, de forma que a qualidade da medição é determinante para a produção de conhecimento científico válido e, conseqüentemente, para a formulação de políticas públicas e práticas clínicas fundamentadas. Já Abu-Raya e Gewirtz-Meydan (2023) foca no impacto do abuso sexual infantil sobre a satisfação pessoal do paciente em relacionamentos românticos na vida adulta, tendo como principal contribuição a distinção entre sintomas gerais de TEPT e sintomas sexuais pós-traumáticos (SEPTS), sendo esses últimos os mais relevantes para o prejuízo na vida afetivo-sexual.

Por fim, Nibuya et al. (2022) desloca o foco para o contexto ocupacional, mostrando que o abuso na infância influencia no desempenho reduzido em adultos trabalhadores. Essa relação é mediada por uma baixa percepção subjetiva de status social e maior traço de ansiedade, evidenciando que os impactos do trauma infantil podem atravessar décadas e afetar diretamente a produtividade e a saúde no ambiente de trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A violência infantil não termina no momento em que ocorre, ela se infiltra na



biologia, na mente e nas relações, deixando marcas que podem atravessar décadas. Suas consequências vão de alterações cerebrais e envelhecimento precoce a doenças crônicas, transtornos psiquiátricos e prejuízos sociais profundos. Reconhecer essa complexidade é reconhecer também a urgência de ações que unam ciência, políticas públicas e cuidado multidisciplinar, capazes de quebrar o ciclo da violência e devolver às vítimas a possibilidade de um futuro pleno. No campo psicológico e social, às vítimas apresentam maior risco para o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, como depressão, ansiedade e ideação suicida, além de maior propensão ao uso de substâncias e dificuldades acadêmicas e relacionais. Esses impactos não apenas prejudicam a trajetória individual, mas também repercutem em esferas coletivas, afetando a vida familiar, o desempenho ocupacional e, em última instância, a dinâmica social e econômica de comunidades inteiras.

## REFERÊNCIAS

ABU-RAYA, N. E.; GEWIRTZ-MEYDAN, A. Childhood sexual abuse and relationship satisfaction: the moderating role of PTSD and sexual-related posttraumatic stress symptoms. *Journal of Sex & Marital Therapy*, v. 49, n. 8, p. 996–1012, 2023. DOI: 10.1080/0092623X.2023.2237510.

ASIM, M.; AMIN, F.; EL-MENYAR, A. Multiple organ dysfunction syndrome: contemporary insights on the clinicopathological spectrum. *Qatar Medical Journal*, Doha, v. 2020, n. 1, p. 22, 22 set. 2020. DOI: 10.5339/qmj.2020.22.

BUSSONE, S.; PESCA, C.; CASETTI, V.; CROCE NANNI, R.; OTTAVIANI, C.; TROISI, A.; CAROLA, V. The long-term impact of early adverse experience on adaptive functioning: a pilot study integrating measures of mental status, nonverbal communication, and heart rate variability. *Zeitschrift für Psychologie*, v. 14, n. 1, p. 1–17, 2023.

CAI, J.; LI, J.; LIU, D.; GAO, S.; ZHAO, Y.; ZHANG, J.; LIU, Q. Long-term effects of childhood trauma subtypes on adult brain function. *European Journal of Psychotraumatology*, v. 14, n. 1, p. 1–13, 2023. DOI: 10.1080/20008198.2023.2205557.



CARVALHO, M. G. V. de; PEREIRA, T. F.; MENDES, C. L.; ALMEIDA, P. K. G. N. de; TORRES, E. da S. Diagnóstico de abuso infantil no atendimento odontológico: uma análise das manifestações orais e indicadores de maus tratos. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 12, e14121243846, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i12.43846.

FERNANDES, J. F. de O.; DIAS, H. B.; COSTA, M. E. C. da; CORRÊA, V. C. O papel do cirurgião-dentista frente às manifestações orofaciais de abuso sexual infantil. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 25, p. e18345, 11 mar. 2025.

FITZGERALD, M.; NOTICE, M. Childhood embedded: childhood abuse and chronic physical health conditions over a 10-year period. *Journal of Public Health*, v. 45, n. 2, p. e332–e338, 2022. DOI: 10.1093/pubmed/fdac063.

KLEIH, T. S.; ENTRINGER, S.; SCHOLASKE, L.; KATHMANN, N.; DEPUNDER, K.; HEIM, C. M.; WADHWA, P. D.; BUSS, C. Exposure to childhood maltreatment and systemic inflammation across pregnancy: the moderating role of depressive symptomatology. *Brain, Behavior, and Immunity*, v. 101, p. 397–409, mar. 2022. DOI: 10.1016/j.bbi.2022.02.004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35131443/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

MAGALHÃES, B. de C.; SOUZA, R. C. S.; SILVA, M. O.; OLIVEIRA, H. M. N. da S.; ANTUNES, S. L. D.; GOMES, G. de A.; ANTUNES, A. L. D.; GUMES, V. J. R.; FERNANDES, L. E. L.; SOUZA, C. L. S. e. Abuso infantil no período da pandemia da COVID-19. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 23, n. 1, e11352, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e11352.2023>.

McNAMARA, C. R.; EVEN, K. M.; KALINOWSKI, A.; HORVAT, C. M.; GAINES, B. A.; RICHARDSON, W. M.; SIMON, D. W.; KOCHANNEK, P. M.; BERGER, R. P.; FINK, E. L. Multiorgan dysfunction syndrome in abusive and accidental pediatric traumatic brain injury. *Neurocritical Care*, v. 40, n. 3, p. 1099–1108, jun. 2024. DOI: 10.1007/s12028-023-01887-y.

MICHAŁOWSKA, S.; CHĘĆ, M.; PODWALSKI, P. The mediating role of maladaptive perfectionism in the relationship between childhood trauma and depression. *Scientific Reports*, v. 15, n. 1, p. 18236, maio 2025. DOI: 10.1038/s41598-025-03783-1.



MURPHY, A.; ENGLAND, D.; ELBARAZI, I.; HOREN, N.; LONG, T.; ISMAIL-ALLOUCHE, Z.; ARAFAT, C. The long shadow of accumulating adverse childhood experiences on mental health in the United Arab Emirates: implications for policy and practice. *Frontiers in Public Health*, v. 12, p. 1397012, jul. 2024. DOI: 10.3389/fpubh.2024.1397012.

NIBUYA, R.; SHIMURA, A.; MASUYA, J.; IWATA, Y.; DEGUCHI, A.; ISHII, Y.; TAMADA, Y.; FUJIMURA, Y.; TANABE, H.; INOUE, T. Complex effects of childhood abuse, subjective social status, and trait anxiety on presenteeism in adult volunteers from the community. *Frontiers in Psychology*, v. 13, p. 1063637, 2022. DOI: 10.3389/fpsyg.2022.1063637.

OCHIAI, K.; NISHITANI, S.; YAO, A.; HIRAOKA, D.; KAWATA, N. Y. S.; SUZUKI, S.; FUJISAWA, T. X.; TOMODA, A. Behavioral and emotional difficulties in maltreated children: associations with epigenetic clock changes and visual attention to social cues. *PLoS ONE*, v. 20, n. 5, p. e0321952, maio 2025. DOI: 10.1371/journal.pone.0321952.

OERI, N. S.; ROEBERS, C. M. Adversity in early childhood: long-term effects on early academic skills. *Child Abuse & Neglect*, v. 125, p. 105507, mar. 2022. DOI: 10.1016/j.chiabu.2022.105507.

ONU NEWS. OMS: 1 bilhão de crianças sofrem violência e menos de 10 % recebem ajuda. UOL, 8 nov. 2024.

SILVA, M. A. de O.; PINTO, R. (orgs.). *Violência no mundo antigo: materialidades, discursos e imaginários*. Recife: Editora UFPE, 2024. Série Ars Historica. E-book (435 p.). ISBN 978-65-5962-305-1.

TELFAR, S.; McLEOD, G. F. H.; DHAKAL, B.; HENDERSON, J.; TANVEER, S.; BROAD, H. E. T.; WOOLHOUSE, W.; MACFARLANE, S.; BODEN, J. M. Child abuse and neglect and mental health outcomes in adulthood by ethnicity: findings from a 40-year longitudinal study in New Zealand/Aotearoa. *Child Abuse & Neglect*, v. 145, p. 106444, 2023. DOI: 10.1016/j.chiabu.2023.106444.

THEODORO, R. A violência oculta na sola do chinelo: punição corporal, violência intrafamiliar e



os modelos de autoridade em São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, e00110324, 28 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT110324>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40298674/>. Acesso em: 18 set. 2025.

YOON, S.; KOBULSKY, J. M.; SHIN, S. H.; COXE, K. The roles of child maltreatment and fathers in the development of substance use in an at-risk sample of youth: a longitudinal study. *Child Abuse & Neglect*, v. 118, p. 105130, ago. 2021. DOI: 10.1016/j.chiabu.2021.105130.